

## Brasil e Argentina: uma análise do comércio de produtos da linha branca

---

Marcelo Gregorio<sup>16</sup>, Jonathan Dias Ferreira<sup>17</sup> e Mirian Beatriz Schneider Braun<sup>18</sup>

**Resumo:** Este trabalho possui como objetivo analisar o comércio bilateral entre o Brasil e a Argentina, em especial, para os produtos da linha branca. Foi contextualizado os principais acordos entre os dois países, com ênfase, após a união aduaneira oriunda do Mercado Comum do Sul – MERCOSUL, como principal mecanismo para o livre comércio. Neste contexto, utilizou-se do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas – IVCR e o Índice de Orientação Regional – IOR, no período que compreende 2002-2011. Pode-se concluir que o Brasil possui evidente competitividade em relação a indústria argentina, em função disso, foi observado no período analisado que o setor de linha branca foi alvo de medidas protecionistas por parte da Argentina.

**Palavras-chave:** comércio, Brasil-Argentina, produtos da linha branca.

\*\*\*

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo analizar el comercio bilateral entre Brasil y Argentina, en particular para los productos de línea blanca. Fue contextualizado los principales acuerdos entre los dos países, con énfasis, después de la unión aduanera que viene del Mercado Común del Sur - MERCOSUR, como el mecanismo principal para el libre comercio. En este contexto, se utilizó el Índice de Revelado comparativo Advantage - IVCR y el Índice de Orientación regional - IOR, en el período que comprende desde 2002 hasta 2011. Se pudo concluir que Brasil tiene clara competitividad contra la industria argentina, y sobre esta base, se observó durante el período analizado el sector de productos de línea blanca era el objetivo de las medidas proteccionistas de Argentina.

**Palabras- clave:** comercio, Brasil - Argentina, productos de linea blanca.

\*\*\*

**Abstract:** This work aims to analyze bilateral trade between Brazil and Argentina, in particular, for white goods. Major agreements between the two countries, with emphasis was contextualized, after the coming of the Customs Union Southern Common Market - MERCOSUR, as the main mechanism for free trade. In this context, we used the index of Revealed Comparative Advantages - IVCR and Regional Orientation Index - IOR, which comprises the period from 2002 to 2011. It can be concluded that Brazil has obvious competitiveness against Argentine industry, on that basis, was observed in the analyzed period the sector white line was the target of protectionist measures by Argentina.

**Key Words:** trade, Brazil-Argentina, white line goods.

---

<sup>16</sup> Economista pela Universidade Estadual do Oeste Paranaense – UNIOESTE, campus de Toledo – PR. Contato: marcelogreg\_@hotmail.com

<sup>17</sup> Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste Paranaense - UNIOESTE, campus de Toledo - PR. Contato: jonathanferreiraa@hotmail.com

<sup>18</sup> Professora Dra Associada do Colegiado de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da UNIOESTE, Campus de Toledo. Contato: mirian-braun@hotmail.com

## 1. Introdução

Desde que foi implantado o Mercado Comum do Sul - MERCOSUL, o fluxo comercial entre o Brasil e a Argentina aumentou consideravelmente. De 1990, quando foi assinado o tratado de Buenos Aires entre Brasil e Argentina, e tratado de Assunção em 1991, as exportações brasileiras à Argentina cresceram cerca de 3.500% no agregado, passando de US\$ 0,65 bilhões em 1990 para US\$ 22,71 bi em 2011 enquanto que as exportações argentinas ao Brasil cresceram 1.360%, passando de US\$ 1,23 bilhões em 1990 para US\$ 16,91 bilhões em 2011 (MDIC, 2012).

Utilizando-se de dados consolidados do ano de 2011, as exportações do Brasil para Argentina representaram 8,9% das exportações totais e as importações representam 7,5% do total de importações do Brasil. Para o bloco econômico MERCOSUL, o Brasil exportou 10,9% do total. O que pode ser observado também é a representatividade da Argentina perante as exportações brasileiras ao MERCOSUL, demandando 4/5 do total exportado (MDIC, 2012).

Ou seja, o comércio bilateral entre as duas nações é de grande importância, pois se trata de um volume bastante expressivo da balança comercial de ambos, o que justifica o estudo. O setor de linha branca no Brasil vem crescendo muito nos últimos anos, e ganhando mercados fora do país. A Argentina, notando a expansão das marcas brasileiras em seu território, toma medidas a fim de proteger a sua indústria e reduzir a demanda por produtos brasileiros e também chineses.

O problema a ser tratado está no fato da efetividade ou não da do uso dos mecanismos de proteção da produção local. O setor selecionado foi submetido a avaliação antes e depois da adoção de medidas, analisando o que muda no setor após a efetivação das medidas e mudanças na competitividade.

Diante disso, o presente trabalho visa a avaliação e estudo da competitividade e orientação do comércio do setor de eletrodomésticos linha branca do Brasil e Argentina, buscando relacionar as mudanças ocorridas a ações protecionistas tomadas por estes governos. O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) mostrará a competitividade das exportações destes mercados perante as exportações mundiais. O Índice de Orientação Regional (IOR) indicará a dependência ou não destes setores de um país em relação ao outro.

O trabalho encontra-se assim dividido, além dessa introdução, na seção 2 apresenta-se a formação do MERCOSUL e a caracterização da indústria de linha branca no Brasil. Na seção 3 e 4 se faz uma apresentação da metodologia que norteou o estudo e a apresentação dos resultados e análise dos mesmos. Por fim a conclusão do trabalho.

## 2. O surgimento do MERCOSUL

Antes do que veio a se tornar o MERCOSUL, houve várias outras tentativas de integração. A Comissão Econômica para América Latina e Caribe, conhecida como CEPAL, defendia um sistema integracionista através da cooperação comercial regional, onde se esperava uma aceleração da industrialização dos países latino-americanos. A partir daí setores de interesse começaram a almejar uma zona de livre comércio no continente sul americano, envolvendo os países com maior intercâmbio comercial, como Brasil, Argentina, Chile e Uruguai (ALMEIDA, 1993).

Em 1960, com a assinatura do Tratado de Montevidéu surge a Associação Latino Americana de Livre Comércio (ALALC), com o objetivo de construir um mercado comum no prazo de 12 anos. Porém de meados dos anos 60 até a década de 80, os países sul americanos experimentaram uma onda de regimes militares ditatoriais, o que trazem como característica sistemas econômicos mais fechados, com tendências a autossuficiência. Foram surgindo subgrupos regionais, como o Pacto Andino, envolvendo países como Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru. (ALMEIDA, 1993).

Com o fracasso do ALALC, um novo tratado de Montevidéu foi assinado, constituindo a Associação Latino Americana de Integração (ALADI). Foi acordado o Sistema de Preferências Tarifárias, onde um país teria a possibilidade de intercambiar com outras regiões, com tarifas às importações dentro de um limite estipulado, sem a necessidade de estender esta preferência aos outros países do acordo. O acordo não surtiu grandes efeitos devido à conjuntura econômica negativa na qual estavam mergulhados os países latino-americanos: pós duas crises do petróleo (1973 e 1979), enfrentavam a crise da dívida externa, escassez de crédito, crises inflacionárias e queda no comércio regional (ALMEIDA, 1993).

A forte rivalidade sempre existente entre as duas maiores nações sul americanas, Brasil e Argentina, é evidenciada no tratado bilateral entre o Brasil-Paraguai para construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Abre-se então um período de

conflitos de interesses em volta do aproveitamento dos recursos hídricos da Bacia da Prata. Somente no final de 1979 é que o confronto hegemônico foi substituído por negociações econômicas diplomáticas e entendimento político (BAUMANN, 2001).

A partir daí, é inaugurada uma nova fase do relacionamento entre os dois países, sendo que em 1985, através da Declaração de Iguazu os presidentes de ambos demonstram o interesse em acelerar um processo de integração bilateral. Os marcos iniciais para formalização da integração foi a Declaração Conjunta sobre Política Nuclear, com propósitos de cooperação e desenvolvimento conjunto e pacífico nesta área e a Ata para Integração Brasileiro-Argentina. Visto como uma política de integração entre os Presidentes da Argentina e do Brasil, Raul Alfonsín e José Sarney, durante o período de 1985-1988 (BOTTO, DELICH e TUSSIE, 2003).

A Ata para Integração Brasileiro-Argentina, firmada em Buenos Aires, em 29 de junho de 1986, a qual pode ser considerada como marco inicial da integração bilateral, posteriormente expandida pelo Tratado de Assunção, definia como “princípios de elaboração e execução do programa” que o mesmo seria “gradual, em fases anuais de definição, negociação, execução e avaliação”, que seria “flexível, de forma a poder se ajustar ao seu alcance, seu ritmo e seus objetivos”, e que seria “equilibrado, no sentido de que não deve induzir uma especialização das economias em setores específicos; de que deve estimular a integração intra-setorial, de que deve buscar um equilíbrio progressivo, quantitativo e qualitativo, do intercâmbio por grandes setores e por segmentos através da expansão do comércio” (FARIA, 1993, p 03).

Isso trouxe, segundo Almeida (1997), resultados satisfatórios a ambos os países, principalmente à Argentina, que dobrou seus fluxos comerciais ao Brasil, tornando este seu principal parceiro comercial, ultrapassando os EUA, e gerando superávits comerciais.

O Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, em 1988 veio a definir um prazo para a consolidação do processo integracionista. Buscou-se o alinhamento das políticas comerciais e aduaneiras, afim de num futuro formar um mercado comum (BAUMANN, 2001)

Na ata de Buenos Aires, assinada em 1990, os governos brasileiro e argentino decidiram reduzir o prazo para formação do mercado comum bilateral até 31 de dezembro de 1994, com uma metodologia baseada na redução de barreiras tarifárias gerais e eliminação de barreiras não tarifárias.

Com receio de ficar em um isolamento econômico, Uruguai e Paraguai procuraram se inserir nesta nova realidade integracionista regional. Sendo assim, em 1991, é assinado pelos quatro países o Tratado de Assunção, que regeu as interações econômicas e sociais no período em que foi assinado até a efetivação do Mercado Comum do Sul, o MERCOSUL (ALMEIDA, 1997).

O tratado de assunção definiu como um dos seus principais objetivos a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos entre os países membros, por meio, entre outros, da eliminação de direitos alfandegários e de restrições não tarifárias à circulação de bens e serviços, ou seja, uma zona de livre comércio, que é a primeira etapa das diferentes formas de integração entre dois ou mais países. Essa zona de livre comércio foi complementada, a partir de 1995, por uma política comercial conjunta dos países membros em relação a terceiros países, o que implicou na definição de uma tarifa externa comum, conformando, portanto, uma união aduaneira (ALMEIDA, 1997, p 15)

Essa Tarifa Externa Comum (TEC) supracitada, foi decidida na reunião realizada em Ouro Preto, em 17 de dezembro, além de decisões referentes a estrutura institucional do MERCOSUL, foi realizada a adoção da TEC, inclusive para setores mais sensíveis como indústria química e de informática. Algumas ressalvas foram permitidas, em caso de setores específicos, que deveriam se adequar ao teto da TEC até o ano de 2001 (BRAUN et al., 2012). Segundo Botto (2007) o setor de automóveis foi a espinha dorsal do MERCOSUL, com o apoio das empresas, o Brasil e a Argentina coordenou uma política comum implicando comércio administrado e compensado. Evidente, uma vez que, desde o início do MERCOSUL, este sector tem sido excluído do processo de liberalização e ainda está sob um regime preferencial.

Diferente dos demais processos integracionistas, o MERCOSUL se originou sem ter uma base histórica de relações entre os participantes, levando em conta que o Brasil e a Argentina possuem um histórico de isolamento que vem desde o período colonial, quando eram colônias de Portugal e Espanha, respectivamente (BAUMANN, 2001)

O MERCOSUL marca um avanço nas relações históricas entre os países platenses, sempre marcadas pela tentativa de hegemonia regional, sabendo-se que o único país que conseguiu efetivamente se aproximar dessa condição foi o Brasil, haja vista seu parque industrial diversificado e crescente, a fronteira agrícola fértil e em expansão e a riqueza dos seus recursos naturais. Frente aos países platenses, a estrutura econômica brasileira, apesar de suas

contradições internas, é evidentemente predominante (BRAUN et al., 2012, p 61).

Frente ao cenário econômico dos países platenses, com economias frágeis, dívida externa em expansão e protecionismo enfrentado por estes, a integração foi uma tendência seguida por estes governos. Uma vez integrados, permitiu-se uma maior inserção dessas economias no cenário internacional, fortalecendo as vantagens competitivas da região (BRAUN et al., 2012). No caso do Brasil, A abertura comercial ocorrida no Brasil no governo do presidente Collor em 1990 foi o início da recolocação do Brasil no cenário de comércio internacional, juntamente com o processo integracionista do MERCOSUL.

Desde que foi assinado o tratado de Assunção em 1991, em que foi estipulado o prazo máximo para início efetivo do MERCOSUL, os fluxos comerciais entre as nações participantes tiveram um bom incremento. Segundo dados de Braun et al. (2012), até a efetivação do bloco (primeiro de janeiro de 1995) este fluxo mais que dobrou, representando um aumento de cerca de 106%. No caso do Brasil e Argentina, foco deste estudo, o intercambio comercial neste período teve aumento de 180%, ou seja, quase triplicou, o que sem dúvidas ressalta a importância e efetividade da integração comercial como veículo para crescimento econômico e inserção no cenário comercial internacional.

De acordo com Tussie (2011) o Mercosul se consolidou como importante na concepção de integração, uma vez que reconheceu a necessidade de negociação, com efeitos diretos nas relações comerciais entre o Brasil e Argentina, como por exemplo, uma queda das tarifas médias para ambos os países, de 35% em 1985 para 10,7% por parte da Argentina, enquanto que no Brasil caíram de 51% em 1985 para 12,1% em 2007.

De 1995 a 1998 foi um período muito bom para ambas nações do bloco, especialmente Brasil e Argentina, onde se encontravam num mesmo ciclo econômico, de expansão, com estabilidade cambial e monetária. Os fluxos de capitais permitiam financiar desequilíbrios e havia um comércio intersetorial mais equilibrado, sem a necessidade, portanto, de adoção de medidas restritivas ao comércio. O que se buscava neste contexto otimista era o aprofundamento da integração dos países e inserção cada vez mais aprofundada no bloco no mercado externo (BRAUN *et al.*, 2012)

Entre os anos de 1999 e 2002 foi um período de crise para essa integração, gerada principalmente pela crise nos países asiáticos. Tal cenário propiciou uma conjuntura de recessão e incertezas, culminadas numa redução no fluxo de comércio inter-regional e extrarregional, que registrava aumentos desde a assinatura do Tratado de Assunção. A desvalorização cambial brasileira em 1999 trouxe o receio da invasão de produtos nacionais no território argentino. A Argentina possuía um regime monetário de dolarização da economia interna, onde o dólar circulava livremente como moeda corrente. Tudo isso contribuiu para tomada de diferentes políticas macroeconômicas entre os países partes do MERCOSUL (BRAUN et al., 2012).

A partir de 2003, houve a retomada do crescimento comercial intrabloco e crescimento econômico dos países, porém ficando evidente as dificuldades de equalização dos interesses no sentido do esquema de integração (BRAUN et al., 2012)

Foi retomada a discussão sobre protecionismo quando a presidência da Argentina foi assumida por Nestor Kirchner, em 2003. No ano de 2004, os argentinos pleiteavam junto ao Brasil um mecanismo que permitisse a elevação de barreiras tarifárias caso houvesse aumento de importações de produtos provenientes do país vizinho e que causassem danos demonstráveis nos setores produtivos. Porém o Brasil, Paraguai e Uruguai não foram favoráveis a proposta, pois as mesmas vão no sentido contrário a proposta de integração do MERCOSUL. Sugeriu-se então uma coordenação dos setores produtivos dos países, afim de, por meio de acordos (por exemplo, autolimitação de exportações) pudessem corrigir os desequilíbrios das balanças comerciais (VADELL, 2006)

### 3. A indústria linha branca do Brasil

Refrigeradores, freezers (verticais e horizontais), condicionadores de ar, lavadoras de louças, lavadoras de roupas, fogões, secadoras, fornos de micro-ondas são os eletrodomésticos que compõem o segmento conhecido no mercado como linha branca. Segundo Matusita (1997), agrega os bens de consumo duráveis denominados eletrodomésticos não portáteis, que não apresentam inovações tecnológicas que causa alteração em seu perfil de uso e funcionamento. A difusão destes produtos pelo mundo iniciou-se principalmente pós Segunda Guerra Mundial. Aspiradores de pó, batedeiras

de bolo, cafeterias, espremedores de frutas, ferros de passar roupa, liquidificadores, processadores de alimentos e ventiladores são eletrodomésticos portáteis e não fazem parte do segmento linha branca.

No Brasil, em 1930, de acordo com Matusita (1997), a empresa Dako começa a fabricação de fogões. Em 1940, surgem mais empresas, beneficiadas pelas políticas de substituição de importações adotada pelo governo. Estas empresas nacionais que surgiram, foram ao longo do tempo buscando parcerias com grandes empresas internacionais.

A partir de 1970, as transnacionais buscaram uma estratégia de exploração das vantagens competitivas de países em desenvolvimento, por meio, principalmente, da aquisição de empresas nacionais e de *joint ventures* (CASTELLS, 1999), tornando o setor um grande oligopólio, com poucas grandes empresas dominantes. Este processo foi estimulado pela maturidade tecnológica da indústria linha branca e saturação do mercado consumidor destes países, fazendo com que seus negócios ganhassem sustentabilidade a nível global.

Segundo Cunha (2003), em 2001 os EUA foram responsáveis por cerca de 40% do faturamento das dez maiores empresas do mundo, participando com a Whirlpool e General Electric e Maytag. Na Europa, a Electrolux domina o mercado.

Nos anos 90, devido processo de abertura da economia e programas de estabilização econômica brasileira, podendo ser citado o Plano Real, intensificaram os fluxos de investimento no país e o comércio externo (CUNHA, 2003). Esta década foi marcada pela reconfiguração da produção do setor, englobando aumento de eficiência e exportações, além da desnacionalização dessa indústria. O que isso trouxe de vantagem foi a difusão tecnológica e igualdade de desempenho comparados a países desenvolvidos.

#### 4. Procedimentos metodológicos

A pesquisa é segmentada em duas partes. A primeira é referente a aplicação do Índice de Vantagens Comparativas (IVCR) e Índice de Orientação Regional (IOR) no setor de eletrodomésticos Linha Branca.

O IVCR, por Yeats (1997), tem como função a medição da eficiência produtiva no contexto de transformações nos padrões de comércio, ora seja por uma medida protecionista, ou outro tipo de transformação que influa nesses padrões comerciais. Segundo Silva (1987) e Baumann *et al* (2004), após a adoção de medidas protecionistas, as variáveis preço e quantidade sofrem mudanças em virtude da tarifa cobrada para importações (no caso de barreiras tarifárias) ou pelo restrição na oferta do bem (no caso de barreiras não tarifárias).

Sendo assim, segundo Maia (2002), o IVCR fornece um indicador da estrutura relativa das exportações de um país. O mesmo pode ser utilizado para calcular cada setor separadamente de cada país.

Para o calculo do índice proposto, utiliza-se a seguinte equação:

$$IVCR_j = (X_{ij} / X_i) / (X_{wj} / X_w)$$

onde:  $X_{ij}$  = valor das exportações do produto  $j$  pelo país  $i$ ;

$X_i$  = valor das exportações totais pelo país  $i$ ;

$X_{wj}$  = valor das exportações mundiais do produto  $j$ ;

$X_w$  = valor das exportações mundiais totais.

O índice é medido pela razão do valor das exportações do setor  $j$  na pauta de exportações do país  $i$  dividido pela razão do valor das exportações do setor  $j$  na pauta de exportações mundiais. Para valores acima da unidade, o país possui vantagens comparativas reveladas no setor avaliado enquanto para valores abaixo da unidade, o país possui desvantagem comparativa revelada (MAIA 2002).

O IVCR não é sensível as diferenças de taxa de crescimento econômico dos países analisados, mas é sensível as barreiras que são aplicadas exclusivamente ao país que se deseja calcular o índice.

Para verificação nos padrões dos fluxos comerciais do setor estudado, foi utilizado o Índice de Orientação Regional (IOR). Este índice mostra o grau de orientação das exportações de determinado produto ou setor para um parceiro comercial a ser estudado (WAQUIL *et al.*, 2004)

Para o calculo do IOR, utiliza-se a seguinte equação:

$$IOR_j = (X_{rj} / X_{rt}) / (X_{oj} / X_{ot})$$

Onde:

$X_{rj}$  = valor das exportações intra-regionais do produto j;

$X_{rt}$  = valor das exportações intra-regionais totais;

$X_{oj}$  = valor das exportações extra-regionais totais do produto j;

$X_{ot}$  = valor das exportações extra-regionais totais.

Assim como o IVCR, o IOR varia de zero a infinito, sendo que quando o valor for acima da unidade, tem-se tendência em se exportar para o parceiro comercial analisado; se for abaixo da unidade, o país tende a exportar a outros parceiros comerciais; se for igual a unidade, existe uma mesma tendência entre exportar ao parceiro comercial ou pra outros parceiros comerciais. O IOR é mais significativo se for analisado com comparações ao longo do tempo. Barreiras comerciais e acordos regionais podem influir significativamente nos valores de IOR calculados, tornando visíveis alterações no fluxo de comércio regional devido a essas medidas (WAQUIL *et al.*, 2004)

Desta forma, o IVCR e o IOR possibilitou analisar as exportações, o nível de orientação regional e a competitividade do setor de linha branca aplicado para o Brasil e a Argentina, logo se faz necessário entender a competitividade, como resultado do processo capitalista de concorrência conforme explica Porter (1989) a riqueza é governada pela produtividade ou pelo valor criado pelo dia de trabalho, pelo dólar ou pelo capital investido, e a unidade física da nação dos empregados. A produtividade é o determinante principal, em longo prazo, do padrão de vida de um país, pois é a causa fundamental da renda nacional *per capita*.

É por meio do crescimento da produtividade que possibilitará uma economia de modo eficiente, assim as empresas devem criar um ambiente que melhore a qualidade do produto, acrescentando inovações ou intensificando a eficiência da produção.

Os dados referentes aos fluxos comerciais estudados foram coletados no bando de dados das nações unidas (UN COMTRADE), que reúne informações sobre comércio

exterior do mundo. A escolha dessa fonte de dados se deve principalmente pelo fato de se ter a minimização de incoerências decorrentes da utilização de diferentes bases e também pelo fato de que a Argentina não disponibiliza online as informações referentes aos fluxos comércio exterior da mesma, diferente do Brasil, que possui o sistema ALICEWEB, desenvolvido e alimentado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio Exterior (MDIC) e Secretaria do Comércio Exterior (SECEX).

Foi utilizada a nomenclatura baseada no Sistema Harmonizado de 2002 (HS 2002), composto por seis dígitos. É uma nomenclatura Internacional que classifica as mercadorias numa estrutura de códigos, com suas respectivas descrições. Existe o Sistema Harmonizado de 2007, que é mais atualizado, porém neste sistema não é possível coletar as informações dos anos anteriores a 2007.

Esse sistema de nomenclatura possui 96 Capítulos, formado pelos dois primeiros dígitos, sendo os utilizados para o trabalho foram o 84 (Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes), 85 (Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios) e 87 (Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios). A posição dentro de cada capítulo é determinada pelos quatro primeiros dígitos. Se há mais desdobramentos dentro de cada posição, os dois últimos dígitos informam, caso contrário o valor será 00.

Não foram considerados os dados de cada capítulo como um todo e sim filtrados com foco nos produtos que possuem maior importância para a análise.

Para o setor linha branca foi utilizado o sistema harmonizado com os seis dígitos, pois são produtos específicos. Dentro de uma posição de quadro dígitos, pode ser abrangidos produtos que não são considerados da linha branca. Sendo assim, segue os produtos que compõem o setor estudado:

Código	Descrição
841510	Aparelhos de ar condicionado dos tipos utilizados em paredes ou janelas, formando corpo único ou do tipo splitsystem
841581	Outros aparelhos de ar condicionado, com dispositivo de refrigeração e válvula de reversão do ciclo térmico.

841582	Outros aparelhos de ar condicionado, com dispositivo de refrigeração.
841583	Outros aparelhos de ar condicionado, sem dispositivo de refrigeração
841821	Refrigeradores de compressão, de tipo doméstico.
841829	Refrigeradores de absorção, elétricos, de uso doméstico.
841830	Outros refrigeradores, de tipo doméstico.
841840	Freezers horizontais, do tipo arca, com capacidade $\leq$ 800 litros.
841850	Freezers verticais, do tipo armário, com capacidade $\leq$ 900 litros.
842211	Máquinas de lavar louça, do tipo doméstico.
845011	Máquinas de lavar roupa automáticas, de capacidade $\leq$ 10 quilos de roupa seca.
845012	Outras máquinas de lavar roupa, de secador centrífugo incorporado, com capacidade $\leq$ 10 quilos de roupa seca.
845019	Outras máquinas de lavar roupa, de capacidade $\leq$ 10 quilos de roupa seca.
845110	Máquinas para lavar a seco.
845121	Máquinas para secar roupas, de capacidade $\leq$ 10 quilos de roupa seca.
851650	Fornos de micro-ondas.
851660	Fogões de cozinha.

Quadro 02: Códigos utilizados para compor o setor linha branca.

Fonte: Adaptado da UN Comtrade database.

A segunda parte consiste em um estudo histórico das medidas que afetaram o setor estudado, no período que compreende os anos de 2002 até 2011. Esse tipo de análise é muito comum, caracterizada, segundo Gil (1989) como *ex-post-facto*, uma vez que é feita após o acontecimento do que se deseja estudar e não há manipulação das variáveis.

O método o qual foi seguido para delineamento desta etapa é o Método Histórico que consiste, segundo Ferreira (1998) é caracterizado pela investigação de acontecimentos do passado para melhor entrelaçamento entre os fenômenos verificados decorrentes de tais acontecimentos, afim de verificar como as medidas de proteção dos setores econômicos adotadas pelas economias do Brasil e da Argentina afetaram o parceiro comercial. Para isso, será feita uma pesquisa documental, afim de coletar as informações que darão suporte à análise.

A pesquisa documental, segundo Gil (1995), remete a dados que não receberam nenhum tratamento analítico. Tendo o conhecimento das medidas tomadas pelos governos dos países estudados, foi feita uma análise comparativa entre os fluxos comerciais com a adoção das medidas e por meio destes avaliar os impactos nos fluxos de comércio bilateral, relacionando com os índices calculados na primeira parte.

A análise comparativa, segundo Lakatos e Marconi (1986), realiza comparações com a finalidade de verificar as similitudes e explicar possíveis divergências, o que foi feito nas comparações antes e depois da adoção das medidas de proteção.

## 5. Apresentação dos resultados e análise

Para o setor linha branca, temos os seguintes resultados do índice de vantagens comparativas para o Brasil:

Tabela 06 - IVCR calculado para o Brasil, setor linha branca 2002-2011.

Produto	Período									
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
841510	0,55	0,99	0,76	0,62	0,11	0,04	0,01	0,00	0,00	0,01
841581	0,01	0,01	0,00	0,01	0,00	0,00	0,02	0,01	0,02	0,05
841582	0,33	0,44	0,37	0,50	0,49	0,60	0,50	0,29	0,31	0,29
841583	0,03	0,02	0,11	0,11	0,02	0,03	0,04	0,14	0,22	0,19
841821	1,06	1,66	1,63	0,88	0,76	0,52	0,47	0,45	0,41	0,26
841829	0,00	0,01	0,01	0,02	0,01	0,81	0,91	0,50	0,63	0,47
841830	1,03	1,25	1,94	1,77	2,11	2,00	1,84	1,25	1,20	0,88
841840	0,73	1,02	1,27	1,33	1,70	2,09	1,50	1,06	0,81	0,49
841850	0,27	0,28	0,53	0,78	0,52	0,90	0,21	0,19	0,17	0,17
842211	0,01	0,03	0,05	0,04	0,04	0,04	0,03	0,00	0,01	0,00
845011	0,25	0,47	0,52	0,49	0,47	0,44	0,30	0,19	0,16	0,08
845012	0,00	0,02	0,01	0,00	0,00	0,00	0,01	0,02	0,10	0,00
845019	1,47	1,42	1,95	2,16	1,42	1,52	1,76	1,66	1,40	1,48
845110	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,02	0,00
845121	0,01	0,04	0,10	0,01	0,02	0,01	0,03	0,02	0,02	0,03
851650	0,08	0,06	0,07	0,03	0,03	0,08	0,03	0,00	0,01	0,00
851660	0,01	0,02	0,02	0,02	0,03	0,27	0,52	0,40	0,37	0,23
TOTAL	0,31	0,48	0,49	0,44	0,35	0,39	0,29	0,24	0,22	0,16

Fonte: Resultados da pesquisa (cálculos realizados pelo autor).

Do total geral do setor, observa-se que os índices tiveram todos resultados menores que a unidade, ou seja, o Brasil não possui vantagens comparativas reveladas neste setor em relação a produção mundial. O resultado não fica fora do esperado, visto que o Brasil não tem uma produção neste setor com vista a competir no mercado externo e sim para suprir a demanda interna e regional (MERCOSUL, por exemplo).

Observa-se vantagens na produção de refrigeradores (itens 841821, 841830 e 841840), onde os dois últimos apresentaram índices maiores que a unidade na maior parte do período. Outro item que merece destaque seria máquinas de lavar roupas, (representada pelo código 845019, outras máquinas de lavar roupa, de capacidade menor ou igual a 10 quilos de roupa seca.), onde os índices expressam vantagens comparativas reveladas para os anos estudados.

Para os demais itens da pauta do setor, não há competitividade frente à produção e exportação mundial. A produção mundial é muito difundida entre os países e nos últimos anos, nota-se a presença cada vez mais forte da vasta concorrência chinesa, o que eleva a produção mundial com preços mais atraentes, aumenta-se a demanda e reduz-se os índices de vantagens comparativas reveladas.

Para Argentina, segue os Índices de Vantagens Comparativas Reveladas calculados.

Tabela 07 - IVCR calculado para a Argentina, setor linha branca 2002-2011.

Produto	Período									
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
841510	0,10	0,01	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
841581	0,45	0,15	0,11	0,04	0,01	0,02	0,00	0,01	0,00	0,01
841582	0,11	0,17	0,08	0,02	0,11	0,09	0,08	0,02	0,06	0,05
841583	0,08	0,05	0,03	0,01	0,01	0,01	0,06	0,12	0,08	0,12
841821	0,01	0,01	0,01	0,00	0,02	0,09	0,03	0,01	0,03	0,02
841829	0,01	0,01	0,01	0,00	0,01	0,01	0,04	0,05	0,04	0,04
841830	0,85	0,87	1,12	0,81	1,44	1,18	1,70	1,50	1,68	1,01
841840	0,00	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,01	0,02	0,01	0,01
841850	0,37	0,47	0,52	0,57	0,86	0,74	0,86	0,75	1,05	1,12
842211	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
845011	0,01	0,09	0,13	0,18	0,22	0,24	0,27	0,26	0,36	0,30
845012	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
845019	0,28	0,29	1,80	0,84	1,15	0,98	1,07	1,00	0,85	0,59
845110	0,08	0,08	0,06	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

845121	0,03	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
851650	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
851660	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01	0,00	0,01	0,02
Total	0,08	0,07	0,08	0,08	0,12	0,13	0,15	0,14	0,17	0,15

Fonte: Resultados da pesquisa (cálculos realizados pelo autor).

Nota-se ausência de vantagens comparativas para o setor, todos abaixo da unidade, e com valores muito baixos, devido baixa produção para exportação. Isso devido a indústria deste setor na Argentina não ser muito desenvolvida, sendo a produção praticamente voltada ao mercado interno. A demanda que a indústria nacional não atende é suprida por importados do Brasil e China. Devido essa baixa competitividade, o setor é alvo de várias medidas por parte do governo com fins de proteger a indústria interna e impedir a invasão de produtos importados.

Refrigeradores e máquinas de lavar roupas tem uma relevância um pouco maior na pauta de exportação argentina, porém ainda com fraca participação. O restante dos itens todos eles com inexpressiva significância em termos de exportação e competitividade no mercado externo.

No gráfico 01 fica visível a diferença nas exportações brasileiras e as exportações argentinas. O Brasil desde 2002 apresentou crescimento nas exportações deste setor, até 2006, onde sofreu queda, 2007 foi o pico das exportações no período estudado. Após a crise de 2008 teve sucessivos declives, voltando a patamares menores que no ano de 2004, sendo que em 2011 fechou com pouco mais da metade exportada em 2009. Já a Argentina não teve muito acréscimo em suas exportações, porém em todo período apresentou aumento nos níveis comercializados no mercado externo, exceto para 2009, devido crise econômica mundial ocorrida em 2008.

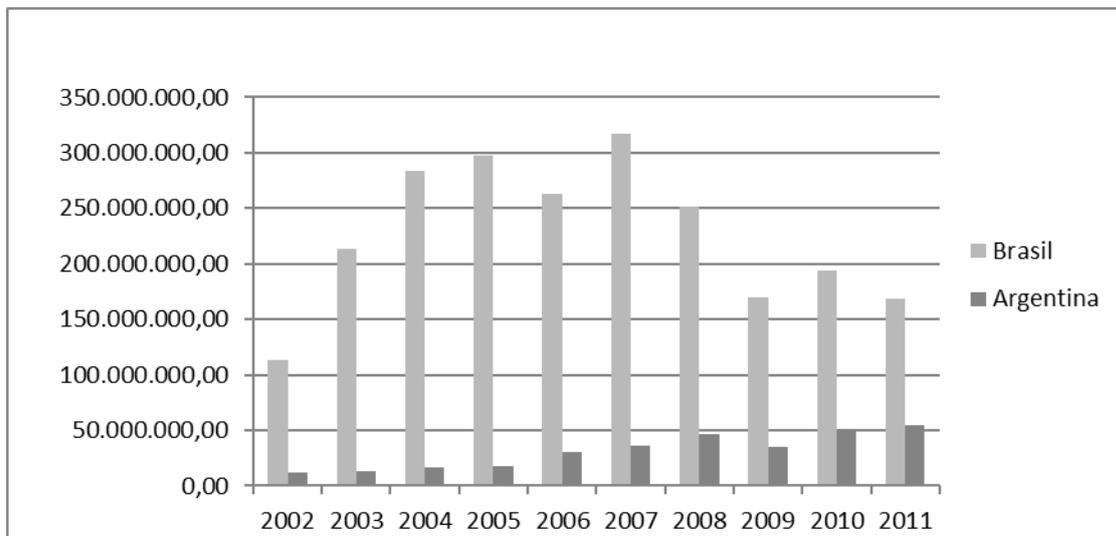


Gráfico 1 – Exportações brasileiras e argentinas, setor linha branca 2002 – 2011

Fonte: UN Comtrade database.

Visualizando o gráfico 01, fica nítida a diferença de valor exportado entre estes dois países. Essa diferença ao longo do período estudado foi diminuindo. As exportações da Argentina mantiveram um crescimento ao longo do tempo, com leve queda em 2009 em virtude da crise mundial. Já no Brasil, observa-se um pico de exportações em 2007, com queda de quase 50% no período que compreende 2007 a 2012.

Para o cálculo do índice de orientação regional do Brasil em relação a Argentina, temos os seguintes valores:

Tabela 09 - IOR calculado para o Brasil, setor linha branca 2002-2011.

Produto	Período									
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
841510	0,24	7,19	11,46	10,25	7,80	3,72	16,53	1,85	5,15	0,75
841581	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,52	0,00	0,02	0,00	3,70
841582	0,25	2,40	2,91	7,37	7,68	6,78	7,19	7,03	16,27	11,95
841583	12,11	16,15	49,38	25,71	12,99	7,24	15,42	1,51	39,56	58,48
841821	2,32	2,51	1,28	1,58	2,25	3,26	2,91	3,86	2,20	0,70
841829	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,07	1,89	0,10	0,00
841830	1,86	2,89	5,10	3,87	3,99	3,96	2,49	2,81	1,99	0,81
841840	1,10	5,81	1,40	1,03	1,65	1,38	2,81	6,13	7,51	3,40
841850	2,50	1,48	0,83	1,79	1,44	0,75	0,42	1,20	0,59	0,02
842211	0,00	8,75	30,94	31,79	15,30	44,32	59,55	0,00	0,00	0,00
845011	7,61	17,45	13,89	14,22	23,05	26,47	18,75	11,91	10,80	5,30
845012	0,00	0,00	0,00	0,00	-	0,00	0,00	0,00	0,00	-

845019	0,00	13,70	5,68	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
845110	-	-	0,73	0,00	0,00	0,00	0,00	-	0,00	0,00
845121	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,31	0,10	0,00	0,00
851650	0,00	9,65	239,28	193,86	3.404,32	494,95	109,97	0,00	0,00	0,00
851660	0,00	2,39	1,27	1,02	0,45	3,27	6,60	9,90	8,37	4,16
Total	2,04	5,50	5,08	5,08	4,91	4,59	4,38	4,46	4,83	2,36

Fonte: Resultados da pesquisa (cálculos realizados pelo autor).

No total do setor, o Brasil apresentou índices maiores que a unidade, expressando assim a tendência em exportar para o parceiro comercial Argentina e a importância deste país como demandante externo dos produtos nacionais do setor. Porém esse índice geral é alavancado principalmente pela importância e representatividade das exportações de geladeiras/freezers, máquinas de lavar roupas e fogões ao parceiro comercial.

Percebe-se a maior tendência em exportar aparelhos de ar condicionado, refrigeradores, máquinas de lavar louça, máquinas de lavar roupa e fogões ao parceiro comercial. A próxima tabela mostrará a independência do Brasil em relação a Argentina neste setor, sendo em poucos produtos o índice apresentou valores superiores a unidade.

Agora, para o cálculo do índice de orientação regional da Argentina para o Brasil tem-se:

Tabela 10 - IOR calculado para a Argentina, setor linha branca 2002-2011.

Produto	Período									
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
841510	0,00	0,22	0,03	0,32	0,25	0,20	0,59	0,22	0,00	0,56
841581	0,00	0,08	0,15	0,05	76,12	5,12	0,00	1,34	0,00	6,20
841582	0,07	0,04	0,68	3,18	102,77	19,37	11,54	2,98	15,66	11,83
841583	1,56	1,94	0,00	0,00	0,21	0,82	2,50	1,66	12,19	14,90
841821	0,05	0,07	1,80	0,00	0,01	2,49	0,95	1,02	0,00	0,00
841829	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	7,82	0,00	0,67	2,47	0,59
841830	0,00	0,00	0,00	0,03	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,05
841840	0,05	0,00	0,03	0,00	0,15	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
841850	0,01	0,14	0,16	0,06	0,11	0,06	0,09	0,10	0,13	0,15
842211	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	-	0,00	0,00
845011	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
845012	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
845019	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
845110	1,44	0,00	1,72	0,00	0,00	-	-	-	0,00	-

845121	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	-	-	0,65	-	-
851650	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,26	0,00	0,00
851660	0,02	0,01	0,97	0,00	0,00	0,00	0,04	0,67	0,56	0,00
Total	0,07	0,11	0,12	0,07	0,30	0,32	0,18	0,24	0,18	0,25

Fonte: Resultados da pesquisa (cálculos realizados pelo autor).

Nota-se uma fraca tendência da Argentina em exportar seus produtos ao Brasil. Uma explicação para tanto deriva do fato da produção deste setor argentino não ter como destino o mercado externo, e sim abastecimento local, e também pela força do setor linha branca no Brasil, que produz e abastece seu mercado nos itens em que há necessidade de importação, bem como a China também contribui nessa carência.

Para alguns momentos, notou-se uma tendência em exportar aparelhos ar condicionado ao Brasil. Porém isso não significa que a Argentina possui vantagens na produção do mesmo (IVC mostra isso), e sim que grande parte do que foi exportado teve como destino o Brasil.

Desta forma, o Brasil criou autolimitações às exportações para Argentina, principalmente nas áreas de linha branca e calçadista, com o objetivo de evitar salvaguardas comerciais dos vizinhos e também para que o parceiro comercial pudesse reestruturar o parque industrial fortemente abalado pela crise vivenciada no início da década (PORFÍRIO, 2006). Porém, com acesso a números relativos a transações argentinas, ficou comprovado que estava havendo desvio de comércio nestes produtos que não estavam adentrando no mercado. A Argentina crescia a taxa recorde de 9%, o que levou, em 2006, a suspensão dos acordos de limitação.

Neste período de autolimitação de exportações, nota-se que na realidade não houve uma diminuição na penetração de produtos brasileiros em território argentino. As exportações seguem uma linha crescente. O que é plausível de concluir é que as exportações sofreram uma desaceleração representada por essas cotas, que poderiam ser maiores, visto a competitividade maior da indústria nacional frente aos produzidos em território argentino e o câmbio brasileiro favorável a exportações.

De acordo com notícia veiculada pelo site da BBC Brasil (CARMO, 2007), a Argentina iniciou a adoção de licenças não automáticas para produtos linha branca sobretudo geladeiras, máquinas de lavar e fogões, com o mesmo propósito de incentivar a indústria local, propondo também a adoção de cotas para importações advindas do

Brasil. Este tipo de licença é permitido pela Organização Mundial de Comércio, desde que o prazo de liberação da licença não ultrapasse 60 dias. Porém o mesmo é caracterizado como um restritivo ao comércio, uma vez que aumenta a burocracia alfandegária e pode gerar desvios de demanda. No caso da Argentina, o interesse é direcionar, pelo menos temporariamente, a demanda para produtos locais.

Em matéria do site jornal Valor Econômico (LANDIN, 2007), a produção da Argentina no setor de eletrodomésticos aumentou 30% em 2006, quando ainda estava vigente o acordo de autolimitação de exportações do Brasil. Segundo a mesma fonte, a participação brasileira nas importações da Argentina, em volume, que era de 95% das geladeiras e 100% dos fogões em 2003, caiu para 84% e 91% respectivamente, perdendo mercado para México e China. Ou seja, esta propunha acordos referentes a adoção de cotas para o comércio bilateral, porém passava a importar de outros parceiros comerciais, de fora do MERCOSUL.

Em termos de valores exportados, em todos os itens da linha branca, os valores demonstrados pelas tabelas 11 e 12 apontam que não houve retração nas exportações, tendo aumento do período de 2006 para 2007 em ambos os casos.

Os índices de orientação regional das exportações deste setor não sofrem alterações que sejam explicadas por tais medidas. O que se nota na realidade é uma grande tendência em exportar estes produtos para a Argentina, pelo motivo da indústria nacional ser mais competitiva, demonstrados pelo índice de vantagens comparativas reveladas sempre maiores para estes produtos e pela própria integração regional representada pelo MERCOSUL. Os IORs demonstram a importância do mercado argentino para os produtos linha branca nacionais.

Em 2008, ano da crise internacional do subprime, a Argentina aumenta a lista de produtos advindos do Brasil que sofreram um maior rigor no controle para entrar no país, segundo informa notícia veiculada no site da BBC Brasil (CARMO, 2008). Os setores mais atingidos foram o têxtil, metalúrgico e linha branca. Este último contara ainda com maior controle proveniente de novas especificações ligadas a economia de energia que a Argentina impôs.

Em 2009, o fluxo comercial entre os países diminuiu, sobretudo em virtude da crise internacional que ocorreu em 2008. A Argentina ainda assim continuou aplicando as licenças automáticas no setor de linha branca, até o final do período estudado. Ao

passo que se percebe uma demanda maior pelos produtos brasileiros ou desequilíbrios na balança comercial, o país aumenta o rigor na emissão de licenças, como foi o caso das licenças para mercadorias circularem em território argentino. A mercadoria entrava porém ficava impedida de ser transportada sem as licenças. Em alguns casos, a emissão destas ultrapassava o prazo máximo permitido pela OMC. Isso desestimula o comércio bilateral e pode ser considerado como uma medida protecionista (VEJA, 2011)

Para os valores exportados dos principais itens linha branca exportados à Argentina, expostos na tabela 10, percebe-se a forte queda nas exportações destes produtos no ano de 2011, reflexos da austeridade nas políticas comerciais argentinas para proteção do mercado interno. Os IORs para este ano sofrem decréscimos no valor também. As exportações extrabloco não sofrem fortes oscilações, demonstrando que a queda nas exportações não foi para todos os parceiros comerciais, e sim mais específico a Argentina.

## 6. Considerações finais

Com o objetivo de se alcançar um mercado comum nos países do cone sul da América Latina, o MERCOSUL enfrenta diversas dificuldades relacionadas a assimetrias econômicas e estruturais dos países membros. A ausência de coordenação econômica e também de políticas econômicas tomadas em comum acordo que visem ao crescimento do bloco como um todo, fazem com que ainda se permaneça numa condição de união aduaneira imperfeita. As medidas restritivas ao comércio intrabloco tomadas em vários momentos, em diferentes setores econômicos, por parte dos membros, ilustram as disparidades entre estes.

Justamente essas diferenças que motivam a adoção de restrições comerciais. Por exemplo, as adotadas pela Argentina ao longo do período estudado para proteger o setor de eletrodomésticos de linha branca (geladeiras, freezers, lava roupas e fogões) frente ao aumento da participação dos importados brasileiros. A alegação era de que a indústria argentina, que de fato é menos competitiva que a do Brasil, estava sendo fortemente prejudicada por essas importações. O motivo secundário seria a manutenção de empregos destes setores, uma vez que a demanda diminuindo, a tendência é das indústrias reduzirem o quadro de funcionários, acarretando em mais outro problema. De

um lado se ganha pela proteção da demanda interna e empregos e de outro se perde, pois o ônus da proteção parte é transferido para o consumidor, que adquire produtos nacionais a preços maiores, e parte a indústria do parceiro comercial, refletidos pela baixa forçada da demanda externa e possíveis demissões de trabalhadores. Na realidade, esse instrumento acaba funcionando como um transferidor do gravame devido ausência de estrutura produtiva competitiva.

O setor estudado possui relevância economia para Brasil e Argentina. Uma das características é a de serem fortemente comandados por empresas transnacionais estrangeiras, principalmente norte americanas e europeias. Ou seja, produz-se para atendimento da demanda interna e, se for vantajoso, para exportação. Em grande parte, é melhor produzir no país onde serão comercializados os produtos do que produzir para exportar.

Para o setor linha branca, com os IVCRs calculados, percebeu-se a fraca competitividade da indústria argentina em oposição a brasileira. O IOR demonstra o direcionamento das exportações brasileiras à Argentina, principalmente nos produtos geladeiras, freezers, máquinas de lavar roupa e fogões. Os outros produtos pertencentes à classificação de linha branca do estudo não apresentaram representatividade em termos de exportação, tendo ambos os índices valores que expressaram a baixa competitividade frente a produção mundial e baixa tendência em exportar ao parceiro comercial.

O setor linha branca foi alvo de medidas protecionistas ao longo do período estudado, porém os índices, apesar de apropriados para representar as possíveis oscilações e mudanças no comércio bilateral devido adoção de tais restritivos, não as demonstraram nitidamente. Em grande parte, essas restrições eram representadas por licenças não automáticas. O que limitou a análise foi a indisponibilidade de dados mais fracionados em relação ao tempo, para os valores exportados. A data base consultada (UN Contrade) disponibiliza dados apenas anualizados, porém com dados para o mundo todo, o que viabiliza o cálculo do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas.

**Data de emissão:** 24 de Julho de 2014

**Data de aprovação:** 09 de Dezembro de 2014

## Referências

- ALMEIDA, P. R. *O MERCOSUL no Contexto Regional e Internacional*. 1ª ed. São Paulo: Aduaneiras, 1993.
- ALMEIDA, P. R. *MERCOSUL: fundamentos e perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Grande Oriente do Brasil, 1997.
- BAUMANN, R. (Org.). *MERCOSUL: avanços e desafios da integração*. 1ª ed. Brasília: IPEA/CEPAL, 2001.
- BAUMANN, R.; CANUTO, O.; GONÇALVES, R. *Economia Internacional, Teoria e Experiência Brasileira*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BRAUN, M. B. S.; CARDOSO, R. D.; BECHLIN, A. R. *Processo de Integração do MERCOSUL: uma análise multidimensional: história, geopolítica e economia*. 1ª ed. Curitiba: Ledze Editora, 2012.
- BRUE, S. L. *História do Pensamento Econômico*. 6ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BOTTO, M. "The Impact of New Regionalism on Trade Policy Making: The Case of Mercosur and the FTAA" *Iberoamericana. Nordic Journal of Latin American and Caribbean Studies*, XXXVII, 2007, p. 257-279.
- BOTTO, M.; DELICH, V.; TUSSIE, D. "O novo cenário político e seu impacto na integração regional: o caso do Mercosul" *Revista Nueva Sociedad*. n.186, jul-ago. 2003, p. 114-127.
- BRUM, A. L. *A Economia Internacional na Entrada do Século XXI: transformações irreversíveis*. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.
- CARDOSO, C. BRIGNOLI, H. *História econômica da América Latina*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- CARMO, M. "Argentina rejeita apelo do Brasil por linha branca." Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/02/070213\\_argentinabrasilmc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/02/070213_argentinabrasilmc.shtml)>. Acesso em: 20 out. 2012.
- CARMO, M. *Argentina abre guerra comercial contra o Brasil, diz jornal*. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081017\\_argentinabraelcro\\_nista\\_mc\\_fp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081017_argentinabraelcro_nista_mc_fp.shtml)>. Acesso em: 20 out. 2012.
- CARVALHO, M. A.; SILVA, C. R. L. *Economia Internacional*. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 6ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTRO, A. B. *Estratégias Empresarias na Indústria brasileira: discutindo mudanças*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

COMIN, A. *De volta para o futuro: política e reestruturação industrial do complexo automobilístico nos anos 90*. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 1998.

CUNHA, A. M. *As Novas Cores da Linha Branca: os efeitos da desnacionalização da indústria brasileira de eletrodomésticos nos anos 1990*. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2003.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. *Economia internacional: teoria e política*. 5ª ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LANDIN, R. *Argentina impõem nova restrição comercial ao Brasil*. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/arquivo/532441/argentina-impoe-nova-restricao-comercial-ao-brasil>>. Acesso em: 20 out. 2012.

MAIA, S. F. “Impactos da Abertura Econômica sobre as exportações agrícolas brasileiras: análise comparativa” *Anais do XL Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – Equidade e Eficiência na Agricultura Brasileira*. Passo Fundo: 2002.

MATUSITA, A. P. *Mudança Estrutural no Setor de Linha Branca nos Anos 90: características e condicionantes*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 1997.

MIDIC. *Dados do comércio exterior*. Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e Comércio Exterior – MIDIC, Abril 2012.

PORFÍRIO, R. *Brasil e Argentina terminam o ano com pauta positiva*. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=1&noticia=7293>>. Acesso em: 20 out. 2012.

PORTER, M. E. *A vantagem competitiva das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO E INOVAÇÃO. *A Evolução dos Conceitos de Logística: Um estudo da Cadeia Automobilística no Brasil 2007*. Disponível em <[www.revistarai.org/rai/article/view/73](http://www.revistarai.org/rai/article/view/73)>, acesso em 25/09/2012.

RODRÍGUEZ, O. *Teoria do Subdesenvolvimento da Cepal*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981.

SILVA, A. *Economia Internacional: uma introdução*. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

SOUZA, N. A. *Economia Brasileira Contemporânea: de Getúlio a Lula*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

TUSSIE, D. “América Latina en el sistema mundial de comercio” *Working Paper 132, LATN*, April 2011. Disponível em: <<http://www10.iadb.org/intal/intalcdi/PE/2011/08475.pdf>>. Acesso em: 3, nov. 2014.

VADELL, J. A. “A Política Internacional, a Conjuntura Econômica e a Argentina de Néstor Kirchner” *Revista Brasileira de Política Internacional*. Disponível em: <[http://www.academia.edu/671967/A\\_politica\\_internacional\\_a\\_conjuntura\\_economica\\_e\\_a\\_Argentina\\_de\\_Nestor\\_Kirchner](http://www.academia.edu/671967/A_politica_internacional_a_conjuntura_economica_e_a_Argentina_de_Nestor_Kirchner)>. Brasília: 2006.

VEJA. “Argentina volta a barrar geladeiras do Brasil” Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/argentina-volta-a-barrar-geladeiras-do-brasil>>. Acesso em: 20 out. 2012.

WAQUIL et al, P. D. “Vantagens Comparativas Reveladas e Orientação Regional das Exportações Agrícolas para a União Européia” *Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – Dinâmicas setoriais e desenvolvimento Regional*. Cuiabá, MT. Disponível em <<http://www.ufsm.br/mila/adayr/publicacoes/cientificos/vantagemcomparativa.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2012.

YEATS, A. “Does Mercosur’s trade performance raise concerns about the effects of regional trade arrangements?” *Policy, Planning and Research Working Paper No. 1729*, Washington: *Banco Mundial*, 1997.